



Rafael: diálise há cinco meses

Serviços ajudam com informações e apoio emocional

Remédios costumam faltar, apesar de terem de ser fornecidos pelo setor público de saúde

Antes de completar 2 anos, Rafael Felipe Almeida Klemp começou a apresentar pequena alteração nos olhos. Eles passaram a inchar. A mãe, Karina Almeida Klemp o levou ao médico. Veio o diagnóstico: síndrome nefrótica, uma doença que provoca a retenção de líquidos. O problema, que leva à pressão alta e à insuficiência renal, pode estacionar, regredir ou evoluir. No caso de Rafael, ocorreu a terceira alternativa.

Karina conta que, passado o choque inicial, ela ficou revoltada. Hoje, isso já foi superado. "Ao ver outras crianças no serviço, coradas e felizes, percebi que o problema poderia ser encarado de outra forma", diz.

Rafael é um exemplo. Há cinco meses, ele faz diálise peritoneal. Karina conta que ele é ativo, brincalhão. "Quando colocou o cateter fiquei preocupada, mas ele mesmo, nas brincadeiras, protege o local", conta. Rafael também não tem problemas com a diálise. "Às vezes estamos jantando, atrasa cinco minutos do horário e ele já cobra."

Segundo ela, há grande união entre as mães de pacientes. A medicação básica tem de ser fornecida pelos serviços públicos de saúde. "Mas sempre há remédios em falta", conta. Nesses momentos, mães pesquisam preços, entram em contato com fabricantes e buscam descontos. Outras vezes, dão dicas de farmácias onde alguns remédios estão por preços mais baixos.

Além da união para assuntos práticos, as mães trocam informações e dão apoio emocional umas às outras. "Sempre que algum deles, por alguma razão, fica doente, entramos em contato", diz. "Às vezes passamos por períodos de depressão, mas logo somos auxiliadas por outras mães e também pelas psicólogas do serviço."

Na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), o apoio é dado pelo Instituto de Apoio à Criança e ao Adolescente com Doença Renal (Icrim), que fornece terapia, nutricionistas e remédios, às vezes em falta na rede pública. O presidente do instituto, João Tomás de Abreu Carvalhaes, conta que o tratamento é caro. O instituto constantemente faz campanhas para obtenção de recursos.

■ Para doações, Icrim, (011) 576-4490; Instituto da Criança; (011) 3066-5716